



GT 047. Nas tramas do viver: entre governos, escritas e antropologias da dor

Natália Corazza Padovani (Pagu / UNICAMP) - Coordenadora,
Leticia Carvalho de Mesquita Ferreira (CPDOC/FGV) - Coordenadora

Este GT d? continuidade h? um debate iniciado em 2015, que respondia a tr?s distintas ordens de problemas: a dimens?o ?tica da dor, as t?cnicas de governo e a escrita etnogr?fica. Preocupados por aspectos do viver que muitas vezes s?o esquecidos, sublimados e controlados, mas, todavia constituem e animam a vida cotidiana, neste GT, propomos, agora, uma nova rodada de debates. Para tanto, temos o intuito de reunir etnografias que analisem as variadas articula?es entre t?cnicas de governo e modalidades de sofrimento, explorando tais dilemas a partir de diferentes perspectivas. Seu vi?s anal?tico ? o desafio de transpor terminologias locais para termos correlatos como ?dor?, ?sofrimento?, ?sofrer?; os desafios metodol?gicos ? como fazer etnografia de/em situa?es de sofrimento?; e suas composi?es ?ticas - at? onde ir na partilha da dor com nossos interlocutores? Como evitar uma compaix?o desenfreada ou um desejo de governo renovado? Ao acreditarmos que o sofrimento/dor apresenta-se como condi??o comum a variados contextos de pesquisa, esperamos receber contribui?es que, independentemente de v?nculo disciplinar, estejam, por um lado, atentas a como a for?a ?tica produtiva do sofrimento pode, em muitos contextos, ceder espa?o ? for?a produtiva do governo, a fim de produzir sujeitos e popula?es govern?veis. E, de outro lado, n?o se furtem a descrever a dor como modo de viver o mundo, cujo modo situado de an?lise incide em formas de narrar e produzir etnografia.

De laudos e fotografias periciais: o que palavras e imagens comunicam sobre dor e viol?ncia?

Autoria: Cilmara Veiga Lima de Melo

A presente comunica??o tem por objeto de an?lise os laudos de per?cia de local que comp?em os autos dos processos criminais de Dona Rosa e Dona Cam?lia. As duas foram, respectivamente, a primeira e a ?ltima v?timas do Man?aco Matador de Velhinhas, que assassinou cinco mulheres com idades entre 58 e 76 anos, entre os anos de 1995 e 1996, na cidade de Juiz de Fora, no interior do estado de Minas Gerais. Al?m de registrar as considera??es do perito a respeito dos locais dos crimes, dos cad?veres e dos ferimentos encontrados nos corpos das v?timas, os laudos produzidos pelo Instituto de Criminal?stica foram remetidos ? delegacia ilustrados por tr?s fotografias, no caso de Dona Rosa, e sete fotografias, no caso de Dona Cam?lia. Direcionando o olhar para esses documentos, o interesse da reflex?o aqui proposta se localiza nos interst?cios entre o que as fotografias congelam como imagem (Sontag, 2003), o que os laudos descrevem enquanto escrita t?cnica e o que a escrita e a descri??o etnogr?ficas produzem a partir de seus interesses espec?ficos. Ou seja, a rela??o entre imagem e texto enquanto distintas formas de registro. Para tanto, buscarei analisar os registros fotogr?ficos, os enquadramentos e o foco da c?mera, as legendas das imagens, a maneira e a sequ?ncia em que est?o dispostas nos documentos, bem como os termos utilizados e a forma narrativa empreendida em tais escritos periciais. Nesse sentido, o desafio que se coloca para a an?lise e para a escrita encontra-se no pr?prio esfor?o de descri??o etnogr?fica dessas mesmas imagens. A aposta, aqui, ? que a escrita etnogr?fica pode n?o apenas informar sobre aquilo que o car?ter e os procedimentos t?cnicos do laudo destacam e produzem enquanto vest?gio e materialidade dos crimes, mas tamb?m lan?ar luz aquilo que ele oblitera frente ? dor e ? viol?ncia infligidas aos corpos de Dona Rosa e Dona Cam?lia.



Realização:



Apoio:



Organização:

